

Um modelo fracassado

Na Argentina, importação dá fim à indústria

Martin Granovsky

BUENOS AIRES — A redução das tarifas alfandegárias e a manutenção de um tipo de câmbio fixo e baixo foi a combinação fatal que, desde 1978, levou ao colapso industrial da Argentina, a tal ponto que o emprego na indústria chegou a diminuir. No setor têxtil, por exemplo, a queda foi de 40%.

A abertura, na verdade, começou antes, quando em 2 de abril de 1976 José Alfredo Martínez de Hoz se converteu no ministro da Economia do general Jorge Rafael Videla. Proveniente de uma das famílias rurais mais tradicionais da Argentina e diretor de grandes *holdings* industriais, Martínez de Hoz mudou regras de importação vigentes desde 1970.

A proteção era maior sobre fibras e produtos têxteis, derivados de ferro e de aço, motores e instrumentos científicos. O novo ministro reduziu as tarifas alfandegárias até zero, no caso dos bens de capital, e autorizou a importação de veículos importados, enquanto ampliava as autorizações para compras de autopeças.

Sob Martínez de Hoz, “o setor industrial ocupou o centro da atenção da política econômica. Mas não como no passado, no papel de setor líder, e sim como setor problema”, afirma Adolfo Canitrot, ex-vice-ministro da Economia de Raúl Alfonsín e um dos maiores conhecedores do período.

Para Canitrot, “o objetivo militar de longo prazo era produzir uma transformação completa no funcionamento da sociedade argentina, de forma que fosse impossível a repetição do populismo e das experiências subversivas do primeiro quinquênio da década de 70”. E a indústria foi o ponto principal “da estratégia de disciplinamento social”.

“O plano econômico de 1976” — diz também Canitrot — “deve ser entendido pela abertura da economia no mercado interno à competência externa e não pela expansão da produção local até os mercados externos”.

Em 1978 Martínez de Hoz deu uma volta no parafuso. Para comba-

ter a inflação crescente decidiu atrasar o câmbio. Uma avalanche de bens importados competiria com os nacionais e baixaria os preços. Foi a época que os argentinos se recordam como da *plata dulce* (prata doce). Com seu salário, um bancário poderia viajar pelo mundo, comprando os últimos lançamentos de eletrônicos, adquirindo abridores de latas em Taiwan, blusões em Hong Kong e pasta de salmão na Dinamarca.

Segundo cifras do Banco Central, as importações de matérias-primas foram de US\$ 2 bilhões em 1978 e chegaram a US\$ 5,5 bilhões em 1980. As aquisições de bens de consumo cresceram de US\$ 250 milhões a US\$ 1,3 bilhão nos mesmos anos. E os bens de capital, de US\$ 1 bilhão a US\$ 2,5 bilhões. O total de importações aumentou para US\$ 2,5 bilhões. No mesmo período, as exportações cresceram de US\$ 6,4 bilhões a US\$ 8 bilhões, baseando-se sobretudo em cereais, açúcar e peles.

Ao mesmo tempo, funcionava um novo sistema financeiro que permitia aos bancos captar depósitos a prazo fixo e liberalizava o mercado. A política de juros altos somados a um dólar estável e baixo converteram Buenos Aires em um paraíso dos *capitais bumerangue*, que vêm, recolhem os juros e retornam de novo a outras praças. Como resultado disso, o emprego no setor industrial caiu entre 1976 e 1980 em cerca de 20%, embora o pleno emprego tenha se mantido porque os trabalhadores industriais passaram para o setor serviços ou a trabalhar por conta própria, em muitos casos em táxis ou quiosques. E a produção permaneceu estancada.

Martínez de Hoz caiu em 1981, dois anos antes de terminar o regime militar. Entre 1976 e 1982, a taxa de crescimento anual acumulada decresceu até 4,8%. Os investimentos brutos internos eram em 1976 de 21,5% do Produto Interno Bruto. Em 1978 haviam crescido para 22%. Mantiveram-se no mesmo patamar nos dois anos seguintes, caíram para 20% em 1981, para 15,4% em 1982 e para 14,1% em 1983.



Martínez de Hoz